

O reconhecido e o compreendido inscritos na linguagem do sujeito afásico

Celia Helena de Pelegrini Della Méa¹

Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Resumo: Buscamos na teoria da enunciação de Émile Benveniste respaldo para reflexões que contemplam fatos sobre a língua/linguagem no sujeito com afasia. Elegemos, numa perspectiva geral, dois artigos para procedermos a análise linguística, a saber, o artigo *Os níveis de análise linguística*, de 1964 (Problemas de Linguística Geral I), e o artigo *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966 (Problemas de Linguística Geral II), como essenciais para a leitura a que nos propomos realizar, contemplando as relações entre forma e sentido em dois modos de significação da língua: semiótico e semântico. A sintagmatização da língua pelos sujeitos com afasia indica que tanto na oralidade quanto na leitura há certa dissociação na relação forma/sentido, sendo a dissolução do sistema linguístico na fala e na leitura revelada e instituída de acordo com o modo de significância da língua com descrições distintas sobre a unidade significativa.

Palavras-chave: Semiótico; Semântico; Enunciação; Afasia; Linguagem.

Title: The recognized and the understood inscribed in the language of the aphasic subject

Abstract: We seek in the enunciation theory of Émile Benveniste support for reflections that contemplate facts about the language of the subject with aphasia. We chose, in a general perspective, two articles to proceed to the linguistic analysis, namely, the 1964, article, "The levels of linguistic analysis", (Problems of General Linguistics I), and the 1966 article "The form and the meaning in language" (Problems of General Linguistics II) as essential to the reading which we proposed to make, contemplating the relations between form and meaning in two language signification systems: semiotic and semantic. The syntagmatization of the language by subjects with aphasia indicates that both in orality and reading there is certain dissociation in the relation form/meaning, being the dissolution of the linguistic system in speech and reading revealed and instituted according to the mode of significance of the language leading to distinct descriptions about the significative units.

Keywords: Semiotic; Semantic; Enunciation; Aphasia; Language.

¹ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGL/UFRGS), Professora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7644-3439>. E-mail: celiadmea@gmail.com

Introdução

A Teoria da Enunciação, que configura apenas uma parte da obra do linguista Émile Benveniste², fornece o aparato teórico no qual nos fundamentamos para entender aspectos da singularidade na língua de sujeitos com afasia. Elegemos dois artigos desse linguista para procedermos a análise linguística: o artigo, de 1964, *Os níveis da análise linguística*³ (PLG I), e o artigo *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966 (PLG II). Esse recorte deve-se ao fato de encontrarmos nesses textos condições para alçarmos uma análise da língua em modos de significação que operacionalizam uma reflexão sobre a língua como sistema e seu funcionamento na sintagmatização das palavras e, mais especificamente, o funcionamento da língua na falta de parte dela.

Deslocamo-nos, assim, para o campo da afasiologia⁴, contudo centramos nossa leitura na perspectiva da enunciação de sujeitos com afasia, considerando as noções de forma e sentido na constituição do ‘reconhecido’ e do ‘compreendido’ na e sobre língua de sujeitos com algum tipo de afasia. Nossa inquietação sobre o funcionamento da língua em sujeitos afásicos é fruto de nosso convívio em projeto extensionista do curso de Fonoaudiologia, mais especificamente das atividades desenvolvidas no e pelo Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)⁵ entre afásicos e não afásicos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

No que tange à linguagem, no intuito de exercitar linguisticamente os sujeitos afásicos, são promovidas e registradas em audiovisuais situações reais de convívio em ambiente espontâneo por intermédio de narrações das novidades da semana, apresentações e entrevistas de novos participantes do grupo, discussões de questões relevantes trazidas pelos sujeitos afásicos, observação de filmes e discussão das temáticas, jogos diversos, trocas de receitas culinárias, leitura de jornais, registro por escrito de acontecimentos vivenciados no grupo, audição de músicas, organização de viagens, etc. Desses encontros de convivência, surgiu essa pesquisa, que toma por objeto de análise, durante as atividades que

² Émile Benveniste é um linguista cuja amplitude da obra passa por interesses em diversas áreas de conhecimento, como a Filosofia (artigo *A filosofia analítica e a linguagem*, de 1963), a Psicanálise (artigo *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, de 1956) e a Sociologia (artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, de 1968), de forma que seus estudos não se resumem à enunciação, tampouco podem ser reduzidos a “outros domínios da linguística – morfologia, sintaxe, lexicologia, entre outros.” (FLORES, 2013, p. 20).

³ Cabe referir ao fato sinalizado por Flores (2013, p. 127) de que nesse artigo não aparecem explicitamente os termos semiótico e semântico; contudo, nele Benveniste registra “as relações entre forma e sentido” que são alicerces à constituição do raciocínio sobre as noções de modo semiótico e modo semântico de significância da língua.

⁴ Morato (2010, p. 23) explica o termo afasia como “os problemas de linguagem – oral e/ou escrita – decorrentes de lesões cerebrais causadas especialmente por acidentes vasculares cerebrais” e Jakobson (2011, p. 34) lembra que a Linguística tem interesse pela linguagem em todos os aspectos – “pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.”

⁵ Coordenado por Elenir Fedosse (fonoaudióloga professora da UFSM) e vivenciado por alunos de graduação e pós-graduação de fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, letras, fisioterapia e por pacientes com algum tipo de afasia, o grupo GIC ocorre em espaço de convivência, atualmente, sediado no prédio da Fonoaudiologia da UFSM; reúne-se, semanalmente, e promove atividades articuladas por vários campos do conhecimento.

desenvolvíamos, o reconhecimento e a compreensão que Marc e Maria manifestavam na língua em falta (ou incompleta).

Diante desse cenário e a fim de delinear as reflexões que aqui nos conduzem, reportamo-nos, inicialmente, a fatos sobre *o homem na língua* e registramos um aporte teórico que embasa nosso processo reflexivo; na sequência, compartilhamos alguns momentos experienciados em convívio com pacientes afásicos em atividades no GIC; após esse relato, discutimos a sintagmatização na língua de sujeitos com afasia e encerramos as reflexões com prospecções nos estudos sobre particularidades sintomáticas nas formas e sentidos enquanto unidades do sistema e enquanto o uso feito desse sistema.

Domínios de significação: o reconhecido e o compreendido

Os artigos selecionados para essa discussão, *Os níveis da análise linguística* e *A forma e o sentido na linguagem*, conforme referimos na introdução deste texto, trazem a possibilidade de examinarmos pontos essenciais e singulares sobre a condição do falante com algum tipo de afasia. Flores (2013), ao tratar do processo reflexivo de Benveniste sobre a enunciação, aponta para o fato de que esses artigos⁶ compõem o que chama de *Segundo momento: semiótico e semântico*, quando essas noções e as a elas agregadas sinalizam para uma visão operatória da enunciação. Descrevemos, então, essa interessante proposta do pensamento linguístico benvenistiano.

No artigo *Os níveis da análise linguística* (1964), Benveniste propõe a noção de nível como essencial para procedimentos de análise, pois, para o autor, o (re)conhecimento de níveis na análise da língua permite delimitar os elementos que compõem o todo da língua. Esse delimitar é realizado por intermédio *das relações que os unem*, até que, em porções cada vez mais reduzidas, chegemos a elementos não passíveis de decomposição. Como não mais decomponíveis, esses elementos passam por substituições que eles admitem, sendo, portanto, por meio das operações de *segmentação* e da *substituição* realizada a análise linguística.

Como exemplo, citamos o signo “cama”, que pode ser segmentado em [K] - [a] - [m] - [a], e passar por substituições do tipo [l] no lugar de [k] (lama); [i] em vez de [a] (lima); [ɲ] em vez de [m] (linha); [o] substituindo [a] (linho). Com essa aplicação, é possível identificar substitutos possíveis para cada um dos elementos, como, por exemplo, o som [k] em [kama] pode ser substituído por [l, ʃ, m, d, f] (lama, rama, mama, dama, fama etc.). Benveniste (1964), ao observar a relação entre o fonema e os seus traços distintivos, alerta para o fato de que os

⁶ Aos artigos que selecionamos, Flores (2013) associa o artigo *A semiologia da língua*, de 1969, da seção *A comunicação*, do PLG II, para compor o segundo momento da reflexão benvenistianiana sobre a enunciação. Não o citamos por, neste momento, centrarmos nosso foco em questões mais funcionais do plano enunciativo. Contudo, evidenciamos que nele é estabelecida a língua como o sistema interpretante de todos os outros sistemas sógnicos, uma vez que toda a semiologia vai depender da interpretância da língua. É nessa perspectiva se dá a singularidade da existência de uma dupla significância: o semiótico e o semântico.

traços distintivos, como por exemplo⁷ os de [l] que são dental, lateral e vozeado, admitem substituições, mas não segmentação, sendo que nenhum dos traços distintivos podem ser realizados fora da articulação fonética em que se encontra. Assim, o autor chega a distinguir duas classes de elementos mínimos: os elementos que são apenas substituíveis (traços distintivos) e os que são segmentáveis e substituíveis (os fonemas). Em outras palavras,

(m)uito interessante nessa análise é que Benveniste, com ela, define a relação mútua entre o nível *fonemático* e os traços distintivos - que ele chama de *merismas* - colocando-os como dois níveis sucessivamente atingidos, produzindo a combinação dos merismas, o fonema, ou decompondo-se o fonema em merismas. (FLORES, 2013, p. 130).

Assim, as unidades linguísticas se definem pela possibilidade de integrarem um nível superior, portanto, o fonema é um constituinte do morfema que integra e constitui o signo. O signo, delimitado pelo sentido que é considerado condição fundamental de todas as unidades dos níveis, *praticamente* coincidirá com a palavra⁸. Em resumo, do fonema, em movimento ascendente, chega-se ao signo (aos elementos que o compõem), que, na frase (unidade superior), assume a posição de *palavra* porque *constituidora da frase*. A palavra tem, então, a posição de mediadora entre o nível inferior (unidades fonemáticas que compõem o signo) e o nível superior (frase). Nas insubstituíveis palavras de Benveniste:

A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significante livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas. Na prática, a palavra é encarada sobretudo como elemento sintagmático, que constitui enunciados empíricos. (BENVENISTE, 1995, p. 132).

É fato que a linguagem é articulada em diferentes níveis – *merisma*, *signo/palavra* e *frase* – o que delega ao *signo/palavra* a posição central. Ao associarmos deslocamentos descendente e ascendente às noções de forma e sentido, a forma possibilita dissociarmos uma unidade linguística em constituintes de nível inferior e o sentido configura-se, em movimento ascendente, na capacidade da unidade linguística de integrar-se a um nível superior, sendo a frase considerada um nível superior, por não poder ser empregada como função integrante de outro tipo de unidade.

Flores (2013, p. 134) retoma a distinção entre constituinte e integrante, considerando o par forma/sentido; a forma dissocia-se em constituintes de nível inferior e o sentido é definido como a sua capacidade e integrar-se em um nível superior. O autor complementa, afirmando que, para Benveniste, “quando se diz que um elemento *tem sentido*, afirma-se que

⁷ Fundamentamo-nos na discussão proposta por Benveniste para fornecer esse exemplo.

⁸ Em perspectiva enunciativa, signo e palavra são noções agregadas a diferentes modos de significância da língua (modo semiótico para signo e modo semântico para palavra). O uso de “praticamente” é relativo à ideia de que esses dois modos de significância se superpõem na língua e será tratado na sequência deste estudo.

ele tem a propriedade de *constituir e integrar*”.

O signo/palavra possui essa propriedade e ocupa uma posição intermediária na estrutura dos níveis, delegando à frase a condição de maior nível de análise linguística, constitutivo de um novo âmbito de significância (semântico). A frase pertence, então, ao modo semântico de ser língua e, como unidade completa, traz consigo sentido e referência – nas palavras de Benveniste (1966, p. 230), “o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor”, pois pertence à enunciação, à expressão particularizada e é da ordem do irrepetível. A frase sempre se atualiza à medida que a língua é submetida à enunciação; em resumo, a frase é uma unidade de discurso.

Concordamos com Benveniste sobre o fato de a noção de *nível* ser essencial aos procedimentos da análise linguística, quer por permitir reconhecer os componentes constituidores da realidade intrínseca língua ou por, a partir dessa noção, ser possível traçar fronteiras metodológicas pertinentes a uma análise linguística. Entendemos igualmente que, ao eleger os níveis merismático/fonemático, signo/palavra e frase como os elementos passíveis de articulação da língua, Benveniste ainda não havia denominado os modos semiótico e semântico de significância da língua; daí sua afirmação de que o signo linguístico praticamente coincidirá com a palavra. Embora não tivesse evidenciado os possíveis modos de significância da língua, o uso desse *praticamente* já antecipava essas duas formas de significância; elas já estavam delineadas – mas foram explicitamente descritas pelo autor, em 1966, no artigo *A forma e o sentido na linguagem* e, em 1969, no texto *A semiologia da língua*, conforme sinalizamos na introdução deste texto.

Em nossa leitura, é necessário adotar a noção de níveis da análise linguística propostos por Benveniste, pois com eles podemos estabelecer as partes intrínsecas da língua e a significância da língua pela dupla dimensão – semiótico/semântico. Por esse olhar, é necessário repensar o nível do signo/palavra – não em um novo nível, mas de maneira que ele possa ser considerado, em sua forma e sentido, conforme o modo de significância eleito. Émile Benveniste, no artigo *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966, fornece subsídios para que possamos considerar o signo e a palavra como elementos portadores de forma e sentido e pertencentes a modos de significância distintos.

Benveniste (1966) inicia sua fala com o comentário sobre o tema *a forma e o sentido na linguagem*. Segundo ele, a proposta parece convir mais a um filósofo do que a ele que, evidentemente, aborda o tema como linguista, lembrando que não há um ponto comum entre linguistas sobre a relação entre a forma e o sentido e que o estudo do *sentido* foi considerado, durante muito tempo, como uma tarefa que escapava à competência do linguista, pois “... as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*.” (1966, p. 221).

Benveniste, ao considerar gêmeas as noções de *sentido e forma*, propõe situá-las e organizá-las, definindo o *sentido* como “a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (1989, p. 222), e a *forma* como “a matéria dos elementos linguísticos quando o

sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante” (1966, p. 222). Flores (2013) lembra que Benveniste se distancia dessas noções que seriam apenas uma primeira impressão acerca do tema, pois elas constituem *uma mera oposição*.

Para Benveniste, é convenção banal opor forma e sentido, entretanto, ao reinterpretarmos essa oposição, considerando o funcionamento da língua no modo semântico), chegaremos ao centro do problema da significação, caráter primordial da linguagem. Benveniste considera tão diversas e numerosas as funções ligadas ao exercício do discurso que as resume: “... bem antes de servir para comunicar a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, *significar*” (1966, p. 222).

A questão da significação tem sido foco de estudo de várias ciências e, por isso mesmo, nenhuma delas a toma para si como própria. Os lógicos descartaram toda tentativa de definição direta da significação; os linguistas não podem se contentar com um conceito global como aquele da significação definida em si e de uma vez por todas. A reflexão de Benveniste sinaliza para um conceito de significação atrelado à noção de linguagem como atividade significante por excelência. Na perspectiva benvenistiana:

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por *UMA* outra unidade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. (BENVENISTE, 1966, p. 223-224).

O autor salienta que a linguagem tem, ainda, o caráter de se realizar por meios vocais que se organizam em palavras dotadas de *sentido*, configurando um aspecto distintivo que é inerente à linguagem. É a noção de signo (saussuriana) que impõe, no estudo da língua, a noção muito geral de significação; compete, então, a Benveniste ‘ultrapassar’ o ponto de chegada de Saussure na análise da língua como sistema significante.

Tratando o signo linguístico, Saussure (1975) abriu o caminho para uma descrição das unidades semióticas: estas devem ser caracterizadas pelo duplo caminho da forma e do sentido, já que o signo se apresenta, por sua vez, como significante e como significado. O significante não é uma sequência de sons exigida pela língua, dada a sua natureza vocal; é a forma sonora que pertence ao signo e que condiciona e determina o significado. Assim, em cada língua, é possível encontrar a estrutura formal dos significantes e, dessa forma, criar, na análise do significante, um plano dos componentes formais do significante, distinto daquele dos fonemas.

Quanto ao significado, Benveniste (1966, p. 227) define como critério: isto significa ou não? “‘*Chapéu*’ existe? *Sim*. “‘*Chaméu*’ existe? *Não*”. “Significar é ter um sentido, nada mais”. Benveniste (1966) propõe, então, duas maneiras de *ser língua* no sentido e na forma: modo semiótico, por um lado, e o modo semântico, por outro. “Tudo o que é do domínio do *semiótico* (signo) tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior

e no uso da língua” (p. 227), ou seja, que se possa identificá-lo como elemento intralinguístico por estar no interior e no uso do próprio sistema. Flores (2013, p. 140) afirma que “Não há dúvida: o sentido do signo, unidade do domínio semiótico, é definido como o uso que os falantes fazem dele, uso este reconhecido intralinguisticamente”. O modo *semântico* (palavra/frase) implica o emprego e a ação, sendo a língua um instrumento de adequação do homem ao mundo (viés antropológico da teoria, conforme Flores 2013); é o modo de ser língua caracterizado pela referência à situação do discurso. Ainda, Benveniste (1969) mostra a diferenciação desses âmbitos de significância (semiótico, semântico) por intermédio do critério de validade: o semiótico (signo) deve ser ‘reconhecido’; o semântico (palavra/frase) deve ser ‘compreendido’

Normand (2009) observa que, ao Benveniste se dedicar ao ‘problema do sentido’, ele promove a distinção entre o semiótico e o semântico, colocando a necessidade de dois estudos linguísticos distintos: o semiótico (unidades do sistema) e o semântico (unidades enquanto palavras (em discurso)). É nesse sentido que Flores (2013, p. 145) aponta para a possibilidade de serem criados “escopos diferentes no interior da linguística” (semiótico e semântico).

Por meio dos níveis da análise linguística propostos por Benveniste, temos o signo, no modo semiótico, e a palavra, no semântico, pois essa pertence a novo modo de significância. Esse movimento signo/palavra permite a reflexão de que o estudo do modo semiótico associado ao semântico, resultante da interface língua/discurso, permite reconhecer aspectos inerentes à língua, ainda não discutidos de forma adequada e/ou suficiente nos estudos sobre o reaver da linguagem em estado de dissolução.

Elencamos, então, a noção de nível linguístico (*Os níveis da análise linguística*) atrelada aos modos de significância da língua (*A forma e o sentido na linguagem*) como necessárias para estabelecer o recorte teórico a que nos propomos, a fim de descrever aspectos da linguagem em falta. Os modos de significância da língua permitem considerar os movimentos significativos entre a forma e o sentido dos sujeitos com afasia, sendo o próprio Benveniste (1969) quem alerta sobre o fato de que o ‘reconhecido’ (semiótico) e o ‘compreendido’ (semântico), em patologias da linguagem, frequentemente estão dissociados.

Para finalizar, faço referência a Normand (2009, p. 175) que, ao considerar os termos *semiótico* e *semântico* na obra de Benveniste, afirma que para ele “não só o sentido está ligado à forma, contido por ela, mas também as particularidades formais devem poder se explicar pelo sentido”. Normand (2009) sinaliza, então, que, para Benveniste, há uma relação necessária entre a forma e o sentido, noção que agregamos ao reaver da linguagem em dissolução.

Nesse sentido, pensamos adequadas as palavras de Normand (2009, 182), “... essas proposições de Benveniste, combinação de uma teoria inacabada e de análises luminosas, parecem, muito mais do que um modelo diretamente aplicável, uma incitação a retomar, cada vez sob um novo olhar, o problema do sentido ...”

Descrição dos fatos enunciativos em análise⁹

O fato enunciativo que inspirou essa reflexão partiu de um sujeito de 69 anos (o chamaremos de Marc), participante do GIC que, há 9 anos, sofreu Acidente Vascular Cerebral (AVC) e manifesta dificuldades na fala. Hoje, embora tenha recuperada boa parte de sua linguagem, Marc mantém um quadro de anomia, não reconhece as palavras escritas, tampouco as escreve voluntariamente, entretanto manifesta grande interesse em reaver a leitura, pois fora um leitor assíduo. Durante uma das atividades no GIC, ao se deparar com um texto com músicas escritas em inglês, Marc fala: - *Se não sei a minha, essa aí* (referindo-se à língua inglesa) *não vou saber mesmo.*

Marc 'reconhece' o registro escrito do sistema linguístico do português em oposição ao sistema da língua inglesa, mas não 'compreende' esses registros. Essa foi a inquietação inicial.

Centramos, então, nossas observações no comportamento dos sujeitos com afasia do GIC em relação ao reconhecimento que faziam do sistema (língua). E outro participante, Maria, que também sofreu AVC e mantém distúrbios na fala, ao ouvir a palavra *stress*, durante atividade no grupo, remetendo à palavra estrangeira, mesmo sem conseguir pronunciá-la disse: - *Essa aí não sei dizer. Essa aí não é nossa, mas tem bastante dessa aí; essa aí é para rico, pobre é louco mesmo.*

Em momento posterior, Marc, em contato com um texto escrito de uma página, ressalta (apontando gestualmente) a palavra *Grammy*, única palavra estrangeira do texto e 'reconhecida' por ele como não pertencente ao sistema.

Observamos que ambos 'reconhecem' os termos estrangeiros na oralidade e na escrita como pertencentes a um sistema linguístico diferente daquele que têm como seu, embora isso não signifique que sejam capazes de ler ou compreender o que é próprio à língua por eles falada.

Com relação a nomes que Marc e Maria não conseguem pronunciar durante os encontros no GIC, Maria manifesta-se com: - *esse aí eu não sei dizer;*

Já Marc realiza várias tentativas até efetivar a pronúncia, ou diz: - *Daqui a pouco vem, daqui a pouco vem.*

Uma das tentativas de Marc, por exemplo, aconteceu quando ele buscava pronunciar o nome *Náthaly* (aluna graduanda em fonoaudiologia que ele conhecia e cujo nome queria dizer). Ao tentar pronunciar *Náthaly*, a forma *Lácalu...Lácalu...* brotava em sua fala, até que *Nátalu* surgiu e, em seguida, ocorreu a pronúncia *Náthaly*.

Passados quinze minutos da primeira pronúncia, solicitado a revelar o mês do

⁹ Os fatos aqui registrados fazem parte dos dados coletados para o projeto: Narrativas de sujeitos com afasia em um grupo interdisciplinar de convivência: manifestações das subjetividades, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CAAE 13119419.7.0000.5346, tendo como pesquisadora responsável a fonoaudióloga professora Dra. Elenir Fedosse e o Psicólogo mestrando Gabriel Rovadoschi Barros como pesquisador participante.

aniversário da Náthaly, ele pronuncia *Calu*, e reflete sobre o próprio dizer: *Calu de novo*. Com isso, manifesta uma queixa pelo fato de voltar a produzir essa forma, conforme pronunciara inicialmente. Constatamos que Marc ‘reconhece’ de imediato aquele nome por ele pronunciado (*Calu* que é uma parte do dizer *Lácalu*) e ‘compreende’ que seu dizer não é o nome da aluna em questão.

Singularidades na fala de sujeitos com afasia

Tendo a ativação das noções de forma e de sentido na linguagem e de nível linguístico como essenciais para a leitura a que nos propusemos realizar sobre a língua em sujeitos com afasia, passamos para análise dos fatos enunciativos anteriormente referidos e pensamos como a forma e o sentido na linguagem, em cada âmbito de significação, se configura nesses fatos.

Iniciamos nossas ponderações sobre os signos estrangeiros reconhecidos por Marc diante de textos escritos em língua portuguesa, nossa inquietação inicial. Marc ‘reconhece’ o *registro escrito do sistema* linguístico do português em oposição ao sistema da língua inglesa, mas não ‘compreende’ esses registros. Ao alçarmos o modo semântico de significância da língua, a análise linguística parece pouco produtiva, pois não há leitura efetiva ou compreensão da escrita por parte de Marc. Contudo, uma análise considerando o modo semiótico de significância revela a manutenção da forma do sistema linguístico materno de Marc que o permite ‘reconhecer’ o próprio sistema e, em oposição, termos não pertencentes a esse sistema. Como o processamento de leitura é fruto do ‘reconhecer’ e ‘compreender’ a língua via associação de forma e sentido dos signos/palavras, Marc, mesmo reconhecendo as formas do sistema, não compreende os sentidos no interior ou no emprego da língua. Como o sentido não se manifesta nem no interior, nem no emprego da língua, Marc não lê.

O outro fato enunciativo sobre signos estrangeiros, só que em enunciação falada, evidencia, pelo âmbito semântico, um sentido fornecido pela análise metalinguística do sujeito afásico, sem evocação da forma cristalizada (stress) na língua. Ao não conseguir pronunciar stress (*Essa aí não sei dizer*), Maria explicita um sentido para o termo - *Essa aí não é nossa, mas tem bastante dessa aí; essa aí é para rico, pobre é louco mesmo*. No modo semiótico de significância da língua, é possível definir que o sentido se manifesta e é relativo à forma convencional, entretanto, para Maria, é impossível a realização vocal dessa composição sígnica convencional na língua.

Ainda sobre a enunciação falada *Essa aí não sei dizer (stress)*, pensada comparativamente com a enunciação de *Lácalu* e ambas observadas pelo modo semântico de significância da língua, seria prudente lembrar que o sentido, nas duas, se mantém intacto; entretanto os sujeitos ora não encontram respaldo formal no sistema para evocar a palavra (*essa aí não sei dizer*), ou encontram uma forma desviante da comunhão fática e saem às apalpadelas em busca da forma adotada em sua comunidade linguística (*Lácalu*, *Lácalu de novo*, *Nátalu*, *Náthaly*). Assim, esses fatos enunciativos evidenciam elementos formais

diferentes (no caso de Lácalu) para um mesmo sentido e sentido fornecido pela análise metalinguística do sujeito afásico, sem evocação da forma cristalizada (palavra) na língua.

Se o ângulo de análise for pelo modo semiótico de significância da língua, enquanto signo, ora manifesta-se a presença do signo em formas desviantes com sentido manifesto, ora ocorre a associação entre a forma e o sentido no interior do sistema (língua), portanto, a composição sígnica existe, mas sem que seja possível evidenciar a estrutura formal no uso da língua.

Quadro 1: Singularidades no reaver da linguagem

Sujeitos	Vocábulos	Modo Semântico (palavras)	Modo Semiótico (signos)
Marc	Náthaly	Forma: Lácalu, Nátalu, Nátali	Forma: diversificada
		Sentido: manifesto	Sentido: manifesto
Maria	Stress	Forma: Essa aí não sei dizer	Forma: existente na língua e não evidenciada no uso da língua
		Sentido: definido metalinguisticamente	Sentido: manifesto

Fonte: produzido por esta pesquisadora

Como já referimos, no domínio semiótico, ficam os signos que significam enquanto propriedades da língua, tendo cada um, em suas especificidades, denotação conceitual e constituição formal do significante. Já no domínio semântico, os signos são materializados em palavras que resultam do emprego da língua (via locutor), ou seja, as significações são produzidas na e pela sintagmatização da língua. Benveniste alerta para o fato de que, no processo de sintagmatização, as palavras mantêm parte do valor que detêm enquanto signos da língua. No campo das afasias, é preciso (re)tomar essa perspectiva e observar, via delocutividade¹⁰, as dissociações ou as faltas de evidências no modo semiótico que são significantes no domínio semântico.

Por ora, é interessante observar que, no modo semiótico (reconhecido), na capacidade de leitura, mesmo sem essa se efetivar, a forma do sistema linguístico parece se manter, mas sem sentido manifesto nos signos; já no âmbito semântico (compreendido), em enunciações faladas de termos estrangeiros, o sentido do termo estrangeiro se mantém e é a forma que se perde (como por exemplo *stress*) nas enunciações.

É possível chegar, então, à noção de que as capacidades de linguagem (fala/leitura) nas enunciações dos sujeitos com afasia estudados têm funcionamento dissociado, pois, na 'fala' e na 'leitura' dos sujeitos aqui analisados, a relação forma/sentido é revelada e instituída de acordo com o modo de significância da língua com descrições distintas sobre as unidades

¹⁰ A delocutividade é um conceito benvenistiano que, conforme Flores et al. (2009), é um processo de formação lexical por meio da locução. Em Della Méa (2009, p. 102), encontramos a noção de que "a língua pode ser renovada ou mesmo *inventada* por intermédio da enunciação". Assim, a noção de delocutividade passa a ser extensiva à língua toda.

significativas.

Não esgotamos essa reflexão, contando que outras possíveis testemunhas¹¹ efetuarão a tarefa de juntar-se à nossa vontade de identificar e compreender quadros de afasias numa perspectiva enunciativa, abrindo possibilidades de estudos que contribuam para a investigação de estados afásicos na condição do *homem na língua*.

O quanto as afasias nos dizem ...

Sobre as ponderações aqui registradas, cabe destacar que os artigos eleitos como aporte teórico para esse estudo permitiram operacionalizar as formas complexas do discurso que problematizamos na língua de sujeitos com afasia. É o próprio Benveniste (1970) quem autoriza e incita à análise de formas complexas do discurso a partir do quadro formal por ele esboçado. Os artigos que elencamos constituem parte basilar na reflexão de Benveniste sobre a enunciação e é nesse sentido que nos apropriamos deles para interpretar formas tão singulares da linguagem de sujeitos com algum tipo de afasia.

Quanto os dois domínios de significância da língua, acreditamos, como aponta Flores (2013), que há uma linguística do semiótico e uma linguística do semântico e que, embora Benveniste afirme haver *uma mudança radical de perspectiva* entre essas dimensões, a inter-relação desses modos de significância na análise linguística fornece as bases para o estudo da língua em discurso (formas complexas do discurso ou não). Entendemos, assim, que nosso recorte trouxe informações sobre a condição humana quando a linguagem falta, ou seja, sobre o quanto a língua/linguagem de sujeitos afásicos nos diz sobre a linguagem do homem falante.

Voltar a atenção para o reaver da linguagem de sujeitos com afasia favorece a teorizações sobre a própria natureza articulada da linguagem, de forma que as afasias, pela concepção linguística, têm que ser vistas muito mais pelo que trazem consigo (homem na língua) do que pelo que deixam de manifestar.

Referências

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. 2014. *Últimas aulas no Collège de France* (1968 e 1969). Tradução: Daniel Costa da Silva [et al.]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BENVENISTE, E. (1964) Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995. p. 127-140.
- BENVENISTE, E. (1966) A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989. p. 220-242.

¹¹ Para elucidações sobre o termo testemunhas (testemunhos), consultar Flores (2019).

- DELLA MÉA, C. H. P. *Delocutividade: uma visão enunciativa do processo de renovação da língua*. 2009. 114 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FLORES, V. N. *et al.* (orgs). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES V. N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. *In: JAKOBSON, R. Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 34-62.
- MORATO, E. M. *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

Recebido em: 10/12/2019.

Aceito em: 26/04/2020.